

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

**RECONHECENDO E RESPEITANDO A CULTURA E A IDENTIDADE
DOS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.**

LARANJEIRAS DO SUL

2014

JOSIELE OLEINIK

**RECONHECENDO E RESPEITANDO A CULTURA E A IDENTIDADE
DOS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.**

Trabalho apresentado a Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para a obtenção da certificação do curso de Especialização em Educação do Campo. Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Cristiane Rocha Silva

**LARANJEIRAS DO SUL
2014**

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| Introdução..... | 04 |
| 1- O reconhecimento da educação do campo..... | 06 |
| 2- A busca pela identidade dos povos do campo..... | 07 |
| 3- Tipo de pesquisa..... | 09 |
| 3.1- População e sujeitos da pesquisa..... | 09 |
| 3.2- Instrumentos de coleta da pesquisa..... | 10 |
| 3.3- Procedimentos de análise..... | 11 |
| 3.4- Resultados da pesquisa..... | 12 |
| 4- Conclusão | 16 |
| 5- Referências | 17 |

RECONHECENDO E RESPEITANDO A CULTURA E A IDENTIDADE DOS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.

Josiele Oleinik

Universidade Federal do Paraná- Setor Litoral.

Resumo: A presente pesquisa teve como objetivo identificar se a educação ofertada aos alunos do campo tem reconhecido a cultura e a identidade do povo camponês. Para tanto, analisou-se as práticas educativas implementadas pela Escola Rural Municipal João Rodrigues da Silva, no município de Laranjeiras do Sul - PR. Para a aplicação deste trabalho realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa, com a aplicação de entrevista semi-estruturada, desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico/documental, com pesquisa de campo. A pesquisa foi desenvolvida com 16 alunos e suas respectivas famílias de uma comunidade campesina conhecida como Rio do Tigre, no município de Laranjeiras do Sul-PR, onde ainda encontramos classes multisseriadas e bisseriadas nos primeiros anos do ensino fundamental. A pesquisa comprovou que as práticas pedagógicas da educação do campo precisam ser revistas, a fim de reconstruir uma educação pública, democrática e de qualidade. É necessário também, buscar coerência entre o que se ensina e o que se aprende, com a realidade do povo camponês, valorizando sua cultura e sua identidade.

Palavras- chave: Educação do Campo, Cultura e Identidade.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como enfoque principal a Educação do Campo e a busca pelo reconhecimento da Cultura e a Identidade dos sujeitos do Campo, os quais possuem conhecimentos que não podem ser negados no contexto escolar, pois são autores da sua própria existência.

Os conhecimentos destes povos precisam ser levados em consideração, constituindo ponto de partida das práticas pedagógicas na escola do campo. Pois, “a não inserção desses conteúdos nas práticas pedagógicas provocou, ao longo da história, a negação da cultura dos povos do campo nas escolas. Quando esta é apresentada, na maioria das vezes, aparece de forma estereotipada e preconceituosa” (PARANÁ, 2006.)

Essa pesquisa trata dessa temática, no anseio de poder contribuir com a ampliação e melhoramento da Educação do Campo, visando atender ao princípio da adequação ao homem do campo, à sua cultura e às suas particularidades, para que

assim, nosso campesino possa vir de fato assumir a sua própria identidade enquanto sujeito do Campo. Para tanto, apresenta um exemplo de como é a vida de muitas pessoas que vivem no campo e de como a educação funciona e está sendo ofertada aos nossos alunos, compreendendo essa realidade.

Faz-se necessário que os educadores identifiquem os conhecimentos prévios dos seus alunos, a fim de transformar a cultura desses sujeitos em referenciais para abordagem dos conteúdos da Educação do Campo, pois é o próprio educando, auxiliado por seus professores, quem realiza a construção da sua aprendizagem, correlacionando os conhecimentos adquiridos no seu dia- a- dia com as informações que vem recebendo em sala de aula. Suas idéias, conhecimentos, e hipóteses se tornam mais fáceis de conectar-se com as novas descobertas que vão sendo conquistadas com auxílio do professor, quando o aluno é levado a refletir sobre sua própria história.

O educador, precisa conhecer, investigar a história de vida de seus alunos, a realidade social e emocional dos mesmos, para compreender como ocorre o processo de aprendizagem, o que é mais relevante e porque é importante ao educando, para assim, pensar numa forma de trabalhar que seja mais acessível à capacidade de aprendizagem por parte dos alunos, respeitando-os e atendendo as suas necessidades.

O pensar em Educação do Campo nos leva também a uma reflexão voltada as escolas organizadas em turmas bisseriadas ou multisseriadas, pois entender como acontece o aprendizado nesse caso é um tanto desafiante. Não há dúvidas quanto às dificuldades existentes no ato de ensinar e aprender numa classe multisseriada.

Segundo Molinari (2010) o principal problema no trabalho do multisseriado está na organização do tempo didático. Planejar distintamente para cada grupo nunca foi uma estratégia eficiente, pois o professor dificilmente irá acompanhar o desenvolvimento de cada aluno. Se o professor optar por dar mais atenção a um determinado grupo, deixando os outros com atividades fáceis ao nível deles e não demandar intervenções específicas, não conseguirá proporcionar a construção do conhecimento.

Percebemos no decorrer dos estudos que essa modalidade de ensino sempre foi vista por todos como uma forma de levar educação ao campo a baixos custos, formando turmas multisseriadas, em localidades onde o número de crianças ainda é

muito pequeno, localidades muito distantes do centro. A educação do campo, sempre foi tida como uma educação de baixa qualidade, pois a professora precisa dividir o tempo escolar com todos. Paramos para pensar: se em uma sala em que é aplicada a modalidade de ensino regular já é difícil implementar um processo de ensino e aprendizagem que contemple todas as áreas do conhecimento, imaginemos como é muito mais difícil em classes multisseriadas. Infelizmente é essa a realidade que se passa na vida dos alunos e professores do campo. Mesmo com estas dificuldades, os educadores tentam ajudar seus alunos e suas famílias a se encontrarem em meio a tantas adversidades e juntos buscarem forças para não perder suas identidades de camponeses.

O objetivo maior dessa pesquisa é reconhecer e respeitar a identidade e a cultura dos povos camponeses, a partir de um levantamento da história de vida dos alunos bem como de suas famílias, construindo um diagnóstico socioeducativo que visa identificar se a educação ofertada aos alunos camponeses tem ajudado a reforçar suas identidades, seus valores culturais, artísticos e ambientais enquanto cidadãos camponeses.

1-O Reconhecimento da Educação do Campo.

Sabe-se que a educação é promulgada na Constituição Federal de 1988 como um dever do Estado que deve ser estendido a todos os cidadãos, independente de viverem no campo ou na cidade, contudo, infelizmente essa educação nem sempre está contemplando a todos, principalmente aos que vivem no campo.

Conforme as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo, 2006, observa-se que, ao longo das últimas décadas, têm ocorrido movimentos sociais oriundos do campo, movimentos que defendem uma educação de qualidade para a população camponesa. Essas lutas fizeram com que surgisse o reconhecimento da importância de se fazer uma educação voltada a realidade do meio rural. Onde a educação fosse pensada como uma educação do campo, não para o campo, com um Projeto Político Pedagógico diferenciado e adequado as especificidades do campo e com a elaboração de propostas de políticas públicas para a educação do campo.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/96, reconhece a diversidade do campo, uma vez que vários artigos estabelecem orientações para atender a essa realidade, adaptando as suas peculiaridades, tanto nas questões de organização escolar como de questões pedagógicas.

Em seu artigo 28, a LDB estabelece as seguintes normas para a educação do campo:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I- conteúdos curriculares e metodologia apropriada às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural:

II - organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e as condições climáticas;

II - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996).

Fica claro que os sistemas de ensino deverão fazer as adaptações na sua forma de organização, funcionamento e atendimento para se adequar ao que é peculiar à realidade do campo, sem perder de vista a dimensão cultural e a identidade dos povos camponeses.

A educação do campo deve ser realizada com os sujeitos do campo, entendendo o campo como lugar onde vivem, onde trabalham, onde produzem cultura, pois nesse espaço existe uma pluralidade de sujeitos. Para isso é fundamental que o professor possua formação adequada às especificidades dos educandos do campo e das exigências do meio, como é explicitado no Plano Nacional de Educação (2001)

2. A busca pela Identidade dos Povos do Campo.

Utilizo-me das palavras de CORDÃO (2010) onde alega que o modo próprio de vida social e o de utilização do espaço do campo são fundamentais, em diversidade, para a constituição da identidade da população rural e para sua inserção cidadã na definição da sociedade brasileira que é reconhecida nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, onde encontramos no Parágrafo Único do Artigo 2 a afirmação de que:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios

dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (RESOLUÇÃO 01/2002-CNE/CEB).

De acordo com Jaqueline Freire (2010), as escolas do campo foram compreendidas como precárias nos seus desempenhos, pois não estavam vinculadas à realidade das comunidades onde se encontravam inseridas.

É muito importante ter uma educação de qualidade no meio rural, reconhecendo a necessidade de quem vive no e do campo. Segundo o PEA (Programa Escola Ativa) (2008), as conferências realizadas, visam ancorar o homem do campo no seu próprio espaço, aprimorando os seus saberes e respeitando cada vez mais as suas especificidades sociais, étnicas, culturais e ambientais. O Programa destaca também o fato de a expressão Educação Rural estar sendo substituída pela expressão Educação do Campo. Na sua versão a concepção de Educação Rural, o campo tenderia a desaparecer priorizando o latifúndio e provocando a baixa densidade populacional, o que não seria pertinente. Enquanto que na concepção Educação do Campo a educação atende a diversidade do campo:

A educação do campo se diferencia da educação rural, pois é construída por e para os diferentes sujeitos, territórios, práticas e identidades culturais que compõem a diversidade do campo. Ela se apresenta como uma garantia de ampliação das possibilidades de homens e mulheres camponeses criarem e recriarem as condições de existência no campo. Portanto a educação do campo é uma estratégia importante para a transformação da realidade dos homens e das mulheres do campo em todas as suas dimensões. (Ministério da Educação Coordenação-Geral de Educação do Campo, PROGRAMA ESCOLA ATIVA, Brasília, 2008).

Seguindo a linha de raciocínio da referida citação acima, a educação do campo, deve ser pensada no campo, pois lá existe sua identidade, sua cultura, suas raízes, e é nesse contexto que as crianças, jovens e adolescentes estão inseridas.

Para Arroyo (2010, p.8) “insistir em ensinar o que não interessa ao aluno é ignorá-lo como se ele não tivesse os seus próprios critérios de aprendizagem. O professor tem que conhecer a característica de cada aluno e com isso identificar a melhor linguagem para atingi-lo”.

3.Tipo de pesquisa

Com a finalidade de detectar conhecimentos, por parte dos sujeitos investigados, optou-se pela pesquisa qualitativa dentro do paradigma interpretativo, pois

Isso ocorre pelo entendimento do homem com um agente social que influencia e é influenciado pela estrutura social, dotado de percepções peculiares da realidade que permitem uma interpretação própria da sua realidade. (Silva R. Cristiane;Gobbi C. Beatriz; Simão A. Ana. 2005)

Presumindo que a mesma fornecerá suporte adequado para a realização desse trabalho que visa, sobretudo, conhecer a história de vida de dezesseis alunos do campo, bem como de suas famílias, analisando dessa forma se os conteúdos aprendidos na escola tem se refletido em suas comunidades e realizar uma retrospectiva do passado, observando o que tem contribuído com o presente, procurando entender quais valores étnicos que os educandos possuem, quais os costumes foram herdados da família, se a cultura e identidade do povo do campo vêm sendo preservada nessa escola e comunidade.

3.1 População e sujeitos da pesquisa

Esta pesquisa, Reconhecendo e Respeitando a Cultura e a Identidade dos sujeitos da Educação do Campo, foi desenvolvida em uma comunidade rural chamada Rio do Tigre, localizada à aproximadamente 45 km da sede do município de Laranjeiras do Sul _PR, na Escola Rural Municipal João Rodrigues da Silva, numa turma bisseriada, sendo alunos do 4^o e 5^o ano.

A referida escola foi fundada em 1948, sendo construída uma casa em uma propriedade cedida por um morador. O primeiro professor não tinha nenhuma formação pedagógica. Mais tarde foi construída uma nova escola na propriedade do senhor João Rodrigues da Silva, perto dela já existia uma igreja formando assim a comunidade Rio do Tigre.

Atualmente a escola está localizada nas terras do Senhor Martin Somariva, onde foram construídas também uma nova igreja, um centro comunitário, uma mercearia e um bar, tornando-se a sede da comunidade.

A comunidade Rio do Tigre surgiu com a vinda de índios do município de Mangueirinha - PR, por volta de 1940, os quais se instalaram nas terras, próximo de um rio. Os índios relatavam ver tigres naquele lugar, surgindo então, o nome da localidade.

Com o passar do tempo, por volta de 1955, outras pessoas começaram a chegar nessa comunidade, alguns de Mangueirinha - PR, e perceberam que poderiam viver tranquilamente neste local. Formaram grupos de trabalho para abertura de estradas e expansão da agricultura local.

A energia elétrica chegou à comunidade a partir da década de 80, nessa época não existia posto de saúde, telefone e mercearias. Também não havia transporte coletivo. Dessa forma a vida no campo se tornava difícil e as pessoas precisavam se deslocar até a sede do município para ter acesso a médicos, remédios e mercadorias industrializadas.

Atualmente residem na comunidade aproximadamente oitenta famílias, com uma média de três filhos por família. A religião que predomina é a católica que é coordenado pelo Conselho Pastoral Comunitário (CPC), a comunidade conta também com a Associação dos Pequenos Agricultores (APA) e o Clube de Mães que auxilia as famílias na sua estruturação, através de cursos, palestras e reuniões mensais. Essas associações não possuem estabelecimento próprio, suas atividades são desenvolvidas no pavilhão comunitário da comunidade.

A população local tem acesso a Serviços de Saúde Pública (médico e dentista) semanalmente em um posto de saúde da comunidade.

3.2 Instrumentos de coleta da pesquisa

Com a intenção de obter opiniões próprias dos entrevistados sem perder o foco principal da pesquisa, optou-se pela entrevista semi- estruturada, que segundo MINAYO (2010), combina perguntas fechadas e abertas, onde o entrevistador tem a

possibilidade de discorrer o tema proposto ou condições prefixadas pelo pesquisador.

Para a coleta de dados e informações necessárias para o desenvolvimento desta pesquisa selecionou-se os seguintes procedimentos:

- I- Visita à escola e algumas famílias, com a pretensão de conhecer os sujeitos da pesquisa;
- II- Observação Assistemática, para perceber aspectos da realidade vivida pelas famílias que integram o corpo desta pesquisa.

3.3 Procedimentos de análise

Uma vez concluída a coleta de dados desta pesquisa, realizada com a utilização dos instrumentos mencionados na etapa anterior, os dados coletados foram submetidos à análise de conteúdo por partir do pressuposto de que o comportamento humano expresso por opiniões e idéias se exprime sob a forma oral ou escrita, assim sendo, acredita-se alcançar os objetivos esperados através desta forma de pesquisar. Ainda em relação à análise de conteúdo:

A proposta que acompanha a análise de conteúdo se refere a uma decomposição do discurso e identificação de unidades de análise ou grupos de representações para uma categorização dos fenômenos, a partir da qual se torna possível uma reconstrução de significados que apresentem uma compreensão mais aprofundada da interpretação de realidade do grupo estudado. (Silva R. Cristiane; Gobbi C. Beatriz; Simão A. Ana. 2005)

Através desse procedimento torna possível analisar os detalhes das opiniões dos entrevistados não se restringindo unicamente a expressão oral, mas também àquelas que estão implícitas no discurso.

Foi importante observar nos depoimentos tomados através das entrevistas, os traços referentes aos costumes dessas famílias para melhor identificar a sua cultura e obter sinais das pegadas às suas raízes.

3.4 Resultados da pesquisa

Nesta pesquisa foram extraídos dados consideráveis nas histórias de vida dos dezesseis alunos, bem como de suas famílias. Para a coleta desses dados foram realizadas entrevistas na busca de informações sendo que a primeira teve como respondente a professora, enquanto que a segunda foi intencionada a coleta de informações, entre elas, a história de vida das famílias, onde as mães foram respondentes. A terceira entrevista foi realizada com os alunos.

No que se refere à entrevista realizada com a professora, a mesma relata que trabalhou na educação do campo há 12 anos, veio trabalhar na zona urbana e que em Fevereiro do corrente ano voltou para a educação do campo, aonde vem lecionando numa turma bisseriada do 4º e 5º ano na Escola Rural Municipal João Rodrigues da Silva. A turma tem 18 alunos.

Segundo informações da professora, os alunos do 4º ano ainda não estão alfabetizados e precisam de ajuda constantemente, sua maior dificuldade é atendê-los individualmente, pois precisa trabalhar conteúdos tanto do 4º como do 5º ano. Sente dificuldade também para identificar os conhecimentos prévios dos alunos. Precisa retomar os conteúdos de alfabetização com alguns alunos.

Para a professora, os alunos demonstram muito interesse em aprender, e ficam muito entusiasmados com atividades diferenciadas que a mesma propõe. Levando em consideração o interesse dos alunos, a professora pretende trabalhar alguns temas específicos sobre o campo, como “A história de vida do povo do campo”. “A cultura do povo do campo” entre outros assuntos.

Através da pesquisa proposta, a professora aproveitou a oportunidade e fez um trabalho relacionado à história da comunidade. Segundo ela, os alunos não tinham conhecimento sobre a história da comunidade Rio do Tigre. A professora vai convidar alguns moradores mais antigos para contarem as histórias da comunidade para os alunos.

Quando questionada em relação à participação dos pais na escola, relata que os mesmos só vão à escola quando solicitados.

Em seus relatos, a professora diz que valoriza muito a vida do campo, pois faz parte dessa história, é camponesa e percebe a desvalorização do povo do

campo, inclusive por parte dos governantes. Pretende motivar seus alunos, preparando aulas que levem a gostar da vida do campo e a conhecer seus direitos.

O fato que mais chama a atenção nessa pesquisa é a observação realizada na escola e o relato da professora em relação às práticas educativas implantadas na escola, se as mesmas fortalecem a identidade dos sujeitos do campo, ou são deixadas de lado. A professora comenta que a impressão é que os alunos nunca tiveram aulas sobre conservação do solo e solo produtivo, sobre adubo orgânico, sobre reciclagem, sobre mata ciliar, sobre o cultivo de verduras e hortaliças entre outros, pois a grande maioria dos pais compra as verduras na mercearia. Para a professora, os conteúdos direcionados a educação do campo não contemplam a realidade do povo do campo. Através da observação realizada na escola, foi verificado que a mesma possui um pátio enorme que poderia ser usado como horta, inclusive realizando projetos com os alunos sobre plantio de hortaliças, a fim de contribuir com a própria merenda escolar, e que está coberto por um grande matagal. Segundo a professora, em parceria com os pais, a mesma pretende desenvolver um projeto que contemple o plantio, a fim de utilizar esse espaço e trabalhar de forma direcionada a vida no campo, envolvendo as várias disciplinas da grade curricular.

Quando questionada se a escola proporciona alguma forma de comemoração ou festas em datas comemorativas, a professora relatou que pretende valorizar as datas comemorativas, envolvendo os alunos, bem como suas famílias, e que a festa junina era a única comemoração que a escola vinha realizando, somente com os alunos.

Em relação à entrevista realizada com as dezesseis famílias da comunidade, percebeu-se fortemente que ainda prevalece os costumes do povo camponês, como por exemplo: levantarem-se todos muito cedo para tirar o leite, tomar o café e ir para a escola; ir a igreja todos os domingos; sentar toda a família ao redor da mesa na hora das refeições; pedir benção para os pais, tios e avós; entre outros...

Percebeu-se que essas pessoas são muito humildes, alguns muito sofridos, porém demonstram ser famílias bem unidas. São famílias pequenas, composta por no máximo quatro filhos, apenas uma família tem oito filhos.

As famílias relataram na entrevista que a educação do campo tem muitos pontos positivos para seus filhos, pois são menos perigosas, as crianças tem boas amizades e todos se conhecem. Relataram também que, sempre que solicitados vão

as reuniões da escola, gostam de participar das festas e datas comemorativas, porém a escola vinha realizando apenas a festa junina para as crianças, era uma festa interna, sem a participação da família.

Em relação às práticas educativas realizadas na escola, os pais demonstram não ter conhecimento, dizem estar satisfeitos, inclusive relatam estarem aprendendo com as crianças, quando trazem tarefas para realizarem em casa. No que se refere à formação dos pais, percebeu-se que predomina o ensino fundamental séries iniciais incompleto. Apenas uma mãe possui o ensino superior (Pedagogia), mas não atua na área.

Quando solicitados a relatar sobre qual profissão gostariam que seus filhos tivessem, doze famílias responderam que poderia ser qualquer profissão que os filhos escolhessem, uma família gostaria que o filho fosse agrônomo, outra família que a filha fosse advogada, outra que fosse delegada e uma família respondeu que gostaria que o filho fosse veterinário para trabalhar na comunidade. Os pais incentivam os filhos para estudarem, sete mães entrevistadas relataram que “não querem que seus filhos sofram na roça, que estudem para sair do campo e ter boa profissão”.

Em relação aos conhecimentos trazidos pela escola e que mudou a forma de pensar ou agir da família, algumas famílias responderam que aprendem com os filhos, principalmente aqueles que têm pouca escolaridade, outra família relatou que aprenderam a falar as palavras corretamente, uma família relatou que seu filho aprendeu sobre reciclagem e cuidados com o lixo e uma mãe disse que aprendeu com o filho a fazer contas e usar o dinheiro (valor monetário).

Nove famílias relataram que em nada mudou a forma de pensar ou agir, e que acreditam que o aprendizado de seus filhos é prejudicado pelo fato de estudarem numa turma bisseriada.

Todas as famílias relatam que seus filhos auxiliam nos afazeres de casa, como por exemplo: tratar os animais, porcos, cachorros, bois, vacas etc...

Cortar lenha, trabalhar nos afazeres domésticos, limpar a casa, lavar as roupas...

No que se refere à fonte de renda das famílias entrevistadas, Nove famílias trabalham como peões das fazendas e sítios, e a renda mensal não passa de 2 salários mínimos. Quatro famílias vendem leite, duas são roceiros, uma sobrevive de pensão alimentícia. Dez das famílias vive com uma renda de 400,00 a 450,00 reais.

Sete famílias recebem auxílio de programas como Bolsa Família, e segundo eles, esse auxílio complementa a renda familiar.

Quando solicitados quais são as formas de lazer que a comunidade oferece, nove responderam que é a igreja, são participantes ativos em eventos religiosos da comunidade. Três responderam que participam de festas na comunidade como casamentos, encontros festivos... Quatro mães relataram que gostam de participar do clube de mães.

Na entrevista realizada com os alunos, nove meninos e sete meninas foram respondentes. As idades dos alunos variam entre 8 a 14 anos. Quando solicitados em relação à distância que moram da escola e como chegam até ela, quinze alunos vêm de Kombi e ônibus, e as distâncias variam entre 1 a 13 quilômetros, somente um aluno relatou que vem a pé.

Ao serem indagados se gostam de estudar, todos responderam que sim, por vários motivos, entre eles, ter boa profissão, para fazer faculdade, para ser veterinário, para ser professor, para ter um trabalho digno, para ser agrônomo e ajudar os pais ter uma vida melhor...

Em relação à profissão que pretendem ter, um aluno disse que quer ser jogador de futebol, por entender que esta é uma profissão que ganha muito dinheiro, outra aluna quer ser atriz, nove alunos querem ser professores, um aluno quer ser pedreiro, outro quer trabalhar na prefeitura, uma aluna quer ser advogada, um quer ser veterinário e um agrônomo. O que fica evidente é que esses alunos sonham em sair do campo, apenas dois alunos demonstram interesse em ter uma profissão voltada para o campo.

No que se refere à disciplina que mais gostam de estudar, oito responderam Matemática para fazer continhas, 5 responderam Arte, três responderam Língua Portuguesa. Ninguém respondeu as disciplinas como História, Geografia e Ciências, que focam conteúdos relacionados ao campo, a vida camponesa. Ficou visível que não existe nenhuma relação entre a disciplina e os conteúdos com a realidade vivida pelos alunos. Essas disciplinas não chamam a atenção dos mesmos. Eles relatam que nas aulas não são trabalhados assuntos sobre o Campo, apenas dois alunos citaram que já estudaram sobre as plantações. Quatorze alunos relataram ainda que nunca fizeram uma pesquisa sobre a história do camponês, da sua comunidade, dos costumes do povo do campo...

Quando solicitados a falar sobre as festas comemorativas, os mesmos relataram que gostam muito das festas juninas e das apresentações do dia das mães.

Todos os alunos disseram que ajudam nos afazeres de casa, as meninas nos afazeres domésticos e os meninos nos serviços mais grosseiros, já citados pelos pais. Quinze alunos relataram que gostam de viver na comunidade, pois encontram pessoas boas para conviver, vão à catequese, gostam da lida do campo e de viver num lugar acomodado. Apenas um aluno disse que não gosta porque é muito longe da cidade.

4 Conclusão

Esta pesquisa trouxe algumas inquietações, pois como educadora e defensora do ensino público de qualidade, e acreditando na Educação do Campo do Município de Laranjeiras do Sul, senti certa preocupação nesse processo de investigação, uma vez que os professores apresentam formação acadêmica em Pedagogia, participam de cursos na área da Educação do Campo em parceria com as Universidades da região, possuem acesso a equipamentos como computadores e internet, fazem uso dos livros didáticos do programa PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) para as escolas do Campo. Recebem materiais didáticos pedagógicos da Secretaria Municipal de Educação e, perante estas condições se torna inaceitável que alunos de 4º ano não estejam alfabetizados, segundo o relato da professora investigada.

É visível a desvalorização do homem do campo, de sua cultura e identidade. Os currículos geralmente não são interessantes, não atraem os estudantes, pois fogem à realidade de suas vidas e não adianta inculcar a cultura da cidade aos mesmos. Pelo contrário, esses devem ser adaptados à realidade local, valorizando aquilo que faz parte da vida dos alunos e de suas famílias, a fim de sentirem prazer em estudar e se alfabetizar, pois ao chegarem não alfabetizados no 4º ano possivelmente serão os futuros evadidos do processo escolar.

A educação direcionada ao campo está muito aquém do que deveria ser de fato, pois não tem conseguido responder os anseios de nossas comunidades camponesas. As práticas educativas implantadas na escola estão deixando de lado

a identidade dos sujeitos do campo, seus costumes e seus valores, pois os conteúdos curriculares muitas vezes não fazem relação com a vida do campo.

Percebeu-se no decorrer dos estudos a imensa capacidade que nossos camponeses têm de superar obstáculos e de lutar a fim de conquistar seus direitos e seus sonhos. A dura realidade do homem camponês e da educação que este recebe se constitui num forte entrave nesse processo de constituição de suas identidades de sujeitos camponeses. Muitos sonham em estudar e sair do Campo, querem ir para a cidade, por acreditar que lá serão melhor vistos e melhor entendidos por seus semelhantes.

Sabe-se que a educação multisseriada ou bisseriada desenvolvida na educação do campo não apresenta as mesmas especificações do ensino regular e apresenta alguns desfavorecimentos para os alunos, pois sempre um grupo ficará em desvantagem. Essa forma de organização muitas vezes se faz necessária devido ao pequeno número de alunos existentes na comunidade, no entanto, essa é uma das maiores dificuldades dos professores, organizarem suas aulas e adotar uma metodologia de trabalho que atenda a todos os alunos nas respectivas turmas.

É preciso rever as práticas educativas da Educação do Campo, articulando os desafios ligados a realidade do campo, reconhecendo e respeitando a cultura e a identidade do povo camponês, fazendo relação com o currículo, com o Projeto Político Pedagógico da escola, com os planos de aula, com os conteúdos, com as metodologias, e, sobretudo com as relações cotidianas com a comunidade, com os alunos e com os professores no ambiente escolar.

6. REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **O campo não é uma projeção da Cidade**. Edição 9. Jornal do professor, 2008. Disponível em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br>.

BRASIL. **LDB** 9394/96. Brasília, 1996

EDUCAÇÃO DO CAMPO: CORDÃO, Francisco A. **Conselho Nacional de Educação** Câmara de Educação Básica. Coletânea de Metodologia Científica do 1 Tempo Acadêmico, PROCAMPO_ IFPA, Belém,2010.

Identidade e Políticas Públicas/ Edgar Jorge Kolling, Paulo Ricardo Cerioli, osfs e Roseli Salette Caldart (organizadores). Brasília, DF: articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por Uma Educação do Campo, n.4.

FREIRE, Jaqueline. **Plano de Curso de Prática Educativa.** Coletânea de Prática educativa do Tempo Acadêmico, PROCAMPO-IFPA, Belém,2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Coordenação Geral de Educação do Campo, **Programa Escola Ativa**, Brasília, 2008.

MOLINARI, Claudia. **Diversidade e Cidadania: Classes Multisseriadas.**

Disponível em:

[http://revistaescola.abril.com.br/políticas_publicas/modalidade/diversidade.](http://revistaescola.abril.com.br/políticas_publicas/modalidade/diversidade)

PARANÁ. **II Caderno Temático da Educação do Campo/** SEED/ Superintendência da Educação. Coordenação da Educação do Campo- Curitiba: SEED-Pr,2009.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação do Campo.** Secretaria de Estado da Educação/ SEED. Curitiba, 2006.

SILVA, Rocha Cristiane; GOBBI, Christo Beatriz; SIMÃO, Adalgisa Ana. **O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa:** descrição e aplicação do método. Lavras, MG, 2004.